

Título

O julgamento de Prometeu: um habeas corpus para a ciência?

Autor

André Sathler Guimarães

Local de Publicação

**Não publicado. Palestra proferida no Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix
- 2005**

O julgamento de Prometeu: um habeas corpus para a ciência?

Segundo a mitologia, Prometeu roubou dos deuses o segredo do fogo e o revelou aos homens. Zeus castigou-o, mandando Hefáistos acorrentá-lo a uma montanha no Cáucaso, onde uma águia devorava continuamente seu fígado, que todos os dias se recompunha. Além disso, como castigo aos homens, Zeus enviou Pandora, aquela mulher que tinha a caixa de onde saíram todos os sofrimentos pelos quais passa a espécie humana.

Slide 1

O que fez Prometeu? Os mitos eram as principais formas de transmissão de cultura, quando ainda não havia escrita. E a melhor forma de memorização era transformar em histórias. Os mitos são grandes narrativas. Todos os mitos tinham uma mensagem básica: a “moral” da história, os valores que se pretendia transmitir..

No caso de Prometeu, qual é a moral da história? Como em todo julgamento, veremos que há duas versões diferentes e vamos ter que decidir entre elas.

Durante a Idade Média, o mito de Prometeu era sempre invocado como ameaça àqueles que questionavam os dogmas da Igreja Católica: “não é permitido desvendar os mistérios do mundo, vejam o que aconteceu com o pobre Prometeu”.

Slide 2

Com o Renascimento e o Iluminismo, o mito de Prometeu foi recuperado em outra dimensão. Francis Bacon, famoso filósofo, foi o primeiro a falar de Prometeu como um rebelde técnico, audacioso a ponto de se arvorar no direito de refazer a obra do mestre com mais competência e genialidade. Para Bacon

“Prometeu é o espírito inventivo dos homens, que funda o reino humano, que multiplica ao infinito a potência humana e a dirige contra os deuses”.

Será coincidência? Por que justamente Bacon recuperou Prometeu? Bacon foi também um dos primeiros a expressar textualmente: “conhecimento é poder”. Conhecimento gera domínio, controle. Dessa visão, veio uma concepção autotélica da ciência, ou seja, a ciência como seu próprio fim, e não como meio para qualquer outra coisa a não ser para si mesma.

Slide 3 “Aquele que sabe tudo não tem medo de nada” – conhecimento como poder, dito por Goebbels

Slide 4

Em última instância, é o demônio de LaPlace: “Nós podemos considerar o estado atual do universo como o efeito de seu passado e como causa de seu futuro. Um intelecto que possa, em qualquer momento dado, conhecer todas as forças que animam a natureza e as posições mútuas dos seres que a compõem, se essa inteligência for suficiente poderosa para submeter os dados à análise, poderia condensar em uma única equação o movimento dos grandes astros do universo e dos seus mais pequenos átomos; para tal intelecto, nada seria incerto e o futuro, bem como o passado, seria o presente diante de seus olhos”.

Essa visão da ciência elimina alternativas para si. Ela não as torna ilegais. Não as torna imorais. Ela as torna invisíveis e, por conseguinte, irrelevantes. E o faz redefinindo o que entendemos por religião, por arte, por família, por política, por história, por privacidade, por inteligência, de modo que essas definições se adaptem às suas novas exigências. Vista desse modo, a ciência é uma **tecnocracia totalitária**.

Filha do método científico, a maior invenção do século XIX foi a idéia de invenção em si. Nós aprendemos como inventar coisas e a questão de por que as inventamos perdeu importância. A idéia de que se alguma coisa podia ser feita devia ser feita.

Slides 5

Caso do acelerador de partículas

Slide 6

Estamos lembrando esses dias os 40 anos da bomba atômica no Japão. Volto a repetir a pergunta: tudo o que pode ser feito deve ser feito?

Esse desafio ainda está presente hoje. Vemos a ciência evoluindo na busca de desempenhos-limite em detrimento da descoberta que seja de uma verdade coerente e útil à humanidade, enfim, a ciência incapaz de produzir sentido para a vida. Em vez de apontar para a contemplação da verdade e a busca do fim último e do sentido da vida, essa forma de racionalidade é orientada para a razão instrumental, a serviço de fins utilitaristas, de prazer ou de poder.

Slide 7

Vejam o caso de James Watson, nas páginas amarelas da Veja desta semana. Se um dia pudermos mudar os genes para que as crianças fiquem mais bonitas ou inteligentes, não vejo por que não fazê-lo. Hoje, não temos a capacidade de melhorar a humanidade dessa forma. Se um dia pudermos, por que não? Alguns alegam que isso favoreceria os ricos, mas não há novidade aí: os ricos sempre compram a nova tecnologia antes dos demais.

Para mim, contudo, a escala das conseqüências que nossas ações podem ter tolhe a imaginação moral que possuímos. As normas éticas que herdamos do passado são claramente insuficientes – simplesmente não foram feitas à medida dos poderes que atualmente possuímos.

Outro personagem que vocês devem conhecer, o novo Mickey Mouse.

Slide 8

O Dr. Charles Vacanti, da Universidade de Massachusetts, **criou** esse ratinho, com o molde de uma orelha humana nas suas costas. E obteve uma **patente** desse ratinho. Pela primeira vez, o direito autoral da vida saiu das mãos de Deus, ou do acaso.

Slide 9 Em breve teremos fetos com copyright e marca registrada. “Se é Bayer é bom” e Microsoft...

Como será a convivência com esse ser humano melhorado, proposto por James Watson. Acho que nosso currículo como humanidade não é muito animador. Até cento e poucos anos atrás, tínhamos escravidão em nosso país, fundamentada em uma segregação racial. Até hoje existe o preconceito racial, tanto existe que têm que haver uma lei para proibi-lo. Como vamos conviver com essa nova super raça?

As populações do planeta, já agudamente heterogêneas, especialmente no que tange à repartição da riqueza, acresce-se agora a heterogeneidade em relação às mudanças em curso. Como os mutantes, pós-humanos, cyborgs, homens-híbridos, seja lá qual nome venha a ser dado, vão se relacionar conosco, seres humanos ainda não modificados?

Será que podemos ser otimistas? O cinema, pelo menos, nos diz que não.

Slide 10

Como não suspeitar que as experiências relativas à industrialização dos seres vivos não levarão ao delírio do super-homem, aquele que merecerá sobreviver, em detrimento desses velhos primatas obsoletos – nós?

Cadê o último dos Moicanos? Nossa experiência com questões de choque cultural não é de hoje e quem vence é sempre o mais forte...

Será que nós – ainda 386 e em plataforma DOS – não teremos que “ceder espaço” (para usar um eufemismo) e deixar lugar para o *Homo Pentium*, a exemplo desses legumes transgênicos, muito mais adaptados a seu ambiente que os produtos naturais?

Será esse novo mundo admirável?

De uma lado, as biotecnologias dominam cada vez mais a produção e a reprodução da vida. De outro, as pessoas querem produzir a si mesmas conforme seus desejos ou as imagens

que a sociedade sugere. A vida e a personalidade deixaram de ser fenômenos naturais e sociais para converterem-se em aspectos da cultura.

Nos Estados Unidos, uma mulher negra, casada com um branco, escolheu a cor branca para seu filho. Isso é racismo? A escolha de sexos viola a lei dos grandes números e pode levar à extinção da espécie. Vale a pena correr esse risco?

Onde vamos fundamentar nossa ciência. Peirce tem uma abordagem interessante da estética – não como uma ciência do belo, mas uma ciência que tem por tarefa indagar sobre estados de coisas que são admiráveis por si, sem qualquer razão ulterior. Estados de coisas que mais cedo ou mais tarde todos tenderão a concordar que são dignos de admiração.

Dessa teoria estética, Peirce deriva sua teoria da ética, não como uma doutrina do bem e do mal. O problema fundamental da ética, para ele, é aquilo que estamos deliberadamente preparados para aceitar como afirmação do que queremos fazer, do que buscamos. Para onde a **força de nossa vontade** deve ser dirigida?

Para aquilo que é admirável. Do empenho ético nasce a estética.

Slide 11

Em nosso hino temos a bela frase: “Mente clara, beleza e saúde, tu dispensas com pródiga mão”. Mente clara vem do papel desmistificador do conhecimento e do desenvolvimento da capacidade de pensar – emitir juízos sobre o mundo que nos cerca e seus acontecimentos. Beleza no sentido associado ao bem, uma tradição iniciada por Platão e muito bem trabalhada por Santo Agostinho. Saúde em termos de nosso bem estar holístico e não só como doença.

Uma ciência sem consciência é apenas a ruína da alma. A ciência deve produzir sentido. Privada da questão do sentido da existência, a ciência e a razão ficam relegadas à funções meramente instrumentais, sem uma autêntica paixão pela busca da verdade.

Por outro lado, a ciência não é culpada de tudo. A existência dos campos de extermínio nazistas não é decorrência da tecnologia ligada à produção de gases, assim como as bombas atômicas lançadas sobre o Japão não foram consequência inevitável do desenvolvimento da física. Houve, em ambos os casos, decisões políticas, calcadas em posições ideológicas.

Há um caráter ambíguo: de um lado, pode-se esperar da ciência respostas para o bem estar dos povos e novos recursos para melhorar a qualidade de vida. De outro, se não temos parâmetros morais, sociais e culturais para aproveitar esses recursos, podemos acentuar os desequilíbrios e provocar situações catastróficas.

Aqui entra a importância de uma escola confessional.

Slide 12

Nela, fé e razão necessariamente andam juntas. A fé liberta a razão na medida em que lhe permite alcançar corretamente o seu objeto de conhecimento e situá-lo na ordem suprema onde tudo adquire sentido. Nas palavras do Papa João Paulo II, nosso horizonte sapiencial deve reunir os resultados científicos e tecnológicos aos valores filosóficos e éticos que são manifestação característica e imprescindível da pessoa humana.

Slide 13

E John Wesley, fundador do Metodismo, professor universitário em Oxford, dizia que o desejo de conhecer é um princípio universal no ser humano. O propósito do conhecimento é permitir que os homens alcem seus pensamentos a objetos cada mais elevados e dignos de consideração, até ascenderem à fonte de todo o conhecimento, Deus. E a educação é a arte de restituir o ser humano à sua perfeita racionalidade.

Slide 14

A ciência, sem a dimensão da fé, pode degenerar em uma tirania do logos científico – uma vã pretensão de conduzir a vida dos homens segundo uma idéia de racionalidade universal. Não foi a toa que Mary Shelley chamou seu Frankenstein de o “moderno Prometeu”. Sua obra apresenta-se como uma antevisão de um apocalipse científico – o castigo ao homem por sua pretensão de desvendar e controlar o segredo da vida.

Slide 15

Para concluir, deixo com vocês as palavras de John Milton, na sua obra clássica, O Paraíso Perdido:

Diante [de seus] olhos em súbita visão aparecem
Os segredos da profundeza venerável – um escuro
Oceano infinito, sem fronteiras
Sem dimensão...

Obrigado